

infindável (saída com 80 páginas). Muitos poetas injustamente esquecidos pelas antologias saídas em Espanha e que nunca figuraram numa antologia que tente abranger o nosso século: Doménchina, Gil-Albert, Cirlot, Ory, Lorenzo

nennum dos poetas que inclui; por vezes, penso que deveria incluir mais três ou quatro poetas, o que, com o aumento do prólogo, tornaria o livro um calhamaço insuportável.

### Como vê hoje a sua participação em O Tempo e o Modo?

Como uma actividade que me deu satisfação. Deve atentar-se na época em que decorreu (anos 60), — a lenta agonia do salazarismo e o despertar moribundo do marcelismo, em plena guerra colonial, em que a vida cultural portuguesa estava cercada por completa. Quem não viveu esses tempos não tem hoje a noção do que eram. Fui convidado pelo João Bénard da Costa, que eu mal conhecia, e fui trabalhar numa secção de «artes e letras» com uma equipa que também desconhecia (Alberto Vaz da Silva, João Pais, José Domingos de Moraes), depois com outros que foram chegando. Mantive com todos sempre um excelente entendimento. No meio de grandes dificuldades (principalmente a censura da *Comissão* assim chamada e a censura de sinal contrário, que queria opor-se a escritores como Agustina, Vergílio Ferreira, Herberto Helder,

Ezra Pound, Rilke, etc.). Lutámos por novos valores estéticos e éticos, talvez não sabendo (eu) a fronteira entre uns e outros. Estive sempre afastado das cúpulas, uma comissão de venerandas figuras, a maior parte das quais nunca vi sequer. Quando terminou o meu *trabalho* na revista, não voltei a encontrar-me senão casualmente com aqueles com quem estive durante anos. Apreciei muito o trabalho de João Bénard da Costa, chefe da redacção, a quem se deve a maior parte do que de bom *O Tempo e o Modo* conseguiu fazer, e do seu convívio conservo uma recordação profundamente grata. Trabalhei tão pouco para mim e fiz tão poucos *fretes* aos outros que, no fim desta *campanha*, estive alguns anos sem que ninguém me convidasse fosse para o que fosse, salvo talvez uma ou outra coisa insignificante.

### Qual a razão do seu desinteresse em publicar a sua poesia?

A poesia que escrevi está quase toda publicada em jornais e revistas, plaquetes e pequenos livros bilingues saídos em Espanha. Juntar tudo isto num livro? É repetir essa primeira publicação e dar trabalho aos distintos críticos que por aí andam já muito ocupados. Em tempos, um director de uma revista disse-me que não valia a pena criticar o meu «In Memoriam» porque tinha poucos poemas; há meses, um crítico pediu-me desculpa por não ter falado no *seu* suplemento no meu «Adagietto»,

que no ano passado publiquei, porque tinha tido muito que fazer. Além disto, penso que em Portugal se publica demasiada poesia, o que leva — porque os génios nunca foram muitos — a muita mediocridade impressa, que não deixa de receber as bênçãos que por aí se vão distribuindo. Apesar disto, é possível que em breve reúna os meus poemas num livro, embora saiba que não são os meus cento e tal poemas que irão alterar esta pobre relação entre a qualidade e a quantidade.

### Como vê a recente homenagem do Ministério de Cultura da Espanha?

Como um gesto com que o Ministério de Cultura da Espanha pretendeu ser-me agradável, e que nada me tira nem acrescenta.